

A VOZ de MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS AYTONIO VAZ

Redacção e Administração: RUA DA CALÇADA - MELGAÇO

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

AVENÇA - Custo da Assinatura Anual: 40\$00 - Estrangeiro 80\$00 * ANO XXIV - N.º 463 - Melgaço, 15 de Dezembro de 1970 * Tip. Augusto Costa & C.ª, Lda - Telo. 22455 - Braga

NAS VÊSPERAS DO NATAL

DEM, SENHOR JESUS!

Aproxima-se a quadra do Natal. Vamos viver em breve a grande riqueza desta linda festa. Todos os meios de transporte, desde o avião ao combóio, da camioneta ao navio, nos trazem os nossos conterrâneos que labutam por esse mundo fora. Vem procurar a família, os seus pais, as suas esposas, os seus filhos. Bendito seja Deus que pôs no coração do homem e mulher da nossa terra este amor pelos seus. É uma grande riqueza sobrenatural e humana que não se deve deixar perder. *Vem, Senhor Jesus!* É o voto que sai das nossas almas, num mundo que mais parece um deserto, em tantos dos seus aspectos.

É a espantosa «matança dos inocentes», três milhões por ano, segundo estatísticas oficiais, que devem estar longe da verdade, por esse universo além. Três milhões de mortos, sacrificados, não por Herodes, mas pelo egoísmo dos pais. É a deterioração do lar, fazendo dele, em tantas terras, um vasto cemitério. A voz de Deus: *crecei e multiplicai-vos*, respondem os milhões de seres vivos, mortos pelos seus; respondem milhões de lares estéréis.

Há dias, pela televisão, podia assistir-se em França à esterilização de homens. E era assim: — 20 francos a cada, meia hora de tratamento, e, assim, se transformava um homem criador em besta castrada, e para sempre.

Não se consentam os homens dos países ricos para a melhor distribuição dos produtos, para a ajuda aos países pobres; nem se acorda ao grito de Paulo VI, que avisou: — é possível que um dia esse terceiro mundo, esfomeado, desprezado pelos países ricos da Europa e América, venham em aluvião sobre nós.

É a «droga» que invade largas camadas de almas, sobretudo a juventude, que assim se deteriora, se vicia e se mata...

É a pornografia que avança

em torrentes caudalosas, mundo em fora e subjuga milhões e milhões de almas. Ainda, há dias, no Porto, foram encontrados completamente nus numa cave de certa casa, estudantes, rapazes e raparigas, em danças. Isto no Porto, aqui perto. Em Lisboa, são faladas as célebres cloacas da cidade.

Está a chegar aí a época de os filhos voltarem a levar seus pais ao monte. Já aqui podemos ver como alguns filhos deixam seus pais, por aí cheios de trabalhos, a matarem-se em canseiras, enquanto os filhos os esquecem por esse mundo fora.

Vem, Senhor Jesus! Matou-se a Deus, tal foi o grito do célebre filósofo. E aí temos o que sucedeu — a invasão do comunismo internacional, que é a linguagem de Deus para os nossos tempos, como Atila o foi no seu. Guerras pavorosas, como a última com a bomba de Heroshima e os milhões de mortos. A grande e grave exploração de milhões de irmãos, triunfante e impune.

A pouca sensibilidade do mundo, perante uma das grandes catástrofes da História, o milhão de mortos no Paquistão. E os dois milhões de seres humanos estrebuchando na lama e nas águas. E o nosso tempo que vive uma técnica, em tantos campos, perfeita com a admirável precisão do homem que terá de estar na lua àquela hora e naquele minuto previstos, e não acudiu suficientemente a uma grande multidão de irmãos que morria sob as águas e nas lamas...

Vem, Senhor Jesus! Com o Teu amor, a Tua paz, a Tua justiça.

Pois que este Natal nos faça reflectir, a nós que temos nas frentes de combate tantos soldados de Portugal e que nesse dia e essas horas sofrerão, talvez, o ataque traiçoeiro dos inimigos.

Vem, Senhor Jesus! Às famílias, às nações, ao mundo. Vem, Senhor Jesus e implanta o Teu reino de paz, de amor e de justiça!

Por Santa Rita



Perguntam-nos se fizemos a inauguração da Casa como estava previsto. Fizemos, sim. Trouxemos de Braga uma linda imagem de S. José que é o patrono destas obras, levámo-la à sala principal, benzemo-la e consagramos a Casa à Sua protecção. Foi uma cerimónia simples. Presente, só o pessoal da Casa. As bênçãos de S. José caíam sobre esta obra que nós desejamos grande, no seu esforço, no seu trabalho.

Quem nos dera poder acudir nesta humilde Casa às necessidades maiores que houvesse por aí fora. E porque não? Esta obra é de todos os amigos de Santa Rita. Aqui todos somos colaboradores da Sua obra.

É vale a pena!

Sim, vale a pena, amigos. Na vida de S. Martinho se lê que, um dia, dividiu a sua capa com um pobrezinho. Naquela mesma noite, apareceu-lhe o Senhor, sorridente e diz-lhe: — assim me vestiste, Martinho!

S. Gregório Magno recebe ele próprio os peregrinos que chegam a Roma e dá-lhes alimento. Um dia ele viu entre os mesmos o próprio Senhor Jesus a sorrir-lhe e desaparece.

Santa Isabel Rainha da Hungria coloca no seu próprio leito um leproso. Vê ela depois ali o Senhor que lhe agradece!

(Continua na 4.ª página)

O Regresso dum Herói

Ditosa Pátria, que tais filhos tem

(CAMÕES, nos Lusíadas)

Nos fastos gloriosos de Paederne, tu, valente aviador, fizeste história. Voavas nas asas de Portugal. Com elas escrevias um poema, que só tem paralelo, na lenda maravilhosa do Infante Santo, D. Fernando. Ele, em Fêz. Tu, em Conakri. Mas ambos de gerações inclitas. Protegias, com as asas do teu avião, o solo sagrado da Pátria, quando um acidente

(Continua na 6.ª pág.)



António Lourenço Lobato
Piloto Aviador

A VOZ DE MELGAÇO

Aos seus estimados colaboradores, assinantes e leitores deseja «A Voz de Melgaço» Boas Festas de Natal e um próspero Ano Novo.

O Santo da Quinzena

S. Francisco Xavier

Missionário S. J.

S. Francisco Xavier, o grande Apóstolo das Índias, da Companhia de Jesus, a que pertencia, nasceu aos 7 de Abril de 1506, no castelo de Xavier, no reino de Navarra. Na idade de 18 anos, foi levado pelo pai a Paris, onde se matriculou na Universidade daquela cidade. Extraordinários foram os progressos que Xavier fazia nos estudos. Doutorou-se em filosofia. Uma inteligência raríssima e outras qualidades apreciáveis foram os dotes, com que Deus distinguiu a quem tinha escolhido, para ser-lhe nas mãos instrumento de um apostolado fertilíssimo. O ideal de Xavier era ser grande no século e encher o mundo de glórias de seu nome. Anos mais tarde, o pai quis chamá-lo para junto de si, porém a irmã, que era priora no convento das Clarissas em Gandien, religiosa de muita virtude e santidade, fez com que desistisse dessa ideia, porque Xavier, assim profetizou, era por Deus

(Continua na 4.ª página)

(Continua na 4.ª página)

Antigualhas Melgacenses

VII

SANTA MARIA DA PORTA

Vamos apreciar algumas referências às diversas igrejas do velho termo de Melgaço, primeiro na vila e depois nas demais freguesias.

Começamos pela igreja de Santa Maria da Porta, actual matriz. Chamava-se matriz à igreja principal de qualquer terra ou localidade quando havia mais igrejas aí.

Repare-se que são poucas as igrejas a que o povo se refere com o nome de matriz. Quando virmos igrejas com essa designação, procuremos investigar e verificaremos que elas tiveram outras igrejas anexas ou filiais.

Porque na vila de Melgaço havia três igrejas, a principal manteve-se com o nome de matriz ao passo que as outras perderam a sua posição.

Matriz se chamava e ficou a chamar-se a igreja de Santa Maria da Porta por ter sido a principal junta com as de Santa Maria de Campo e S. Fagundo, das quais falei em seguida a esta.

* * *

A vila primitiva não era amuralhada, como teremos ocasião de ver no decurso deste estudo. Em volta da sua torre alteira, havia o pequeno reduto amuralhado que se conserva ainda. Junto da fortaleza assentava a vila que não seria de muitas casas. Não era forçoso morar ali para fazer parte do *concelbo* expresso no foral.

A curta distância da porta do castelo erguia-se uma igreja dedicada a Santa Maria que por isso se chamou *da Porta* com o fim de a distinguir de outra situada mais abaixo um pouco, no campo da feira, que por tal motivo se chamava *Santa Maria do Campo* a fim de a distinguir da primeira.

(Continua na 4.ª página)

Numa hora dolorosa

Sim! Numa hora dolorosa para a nossa terra. Provocou-se e sancionou-se uma divisão, numa terra, em que vivemos em paz, durante 11 anos. E nesta hora dolorosa, cheia de paixões, assumiu o cargo de arcepreste o sr. P.º Justino

Domingues, digno pároco da vila de Melgaço.

Quando, a nosso pedido, deixamos este cargo de arcepreste, fizemos saber que o sr. P.º Justino era uma grande

(Continua na 4.ª página)

(Continua na 4.ª página)

Várias Notícias da Vila

HERMENIGILDO JOSÉ SOLHEIRO — Após ter gozado um mês de merecida licença, seguiu há dias por via aérea, para a nossa província ultramarina da Guiné, o nosso amigo e conterrâneo Sr. Hermenigildo José Solheiro, Fúriel Miliciano, que ali se encontra no cumprimento da sua missão de soberania, filho do nosso estimado assinante, Sr. Armando da Mota Solheiro e da Sr.a D. Maria Augusta Esteves Solheiro.

Aquele nosso amigo, desejamos que tivesse feito boa viagem e feliz regresso.

AMADEU AUGUSTO ALVES — Acompanhado de sua Esposa Sr.a D. Maria de Lurdes Alves, tivemos o prazer de ver nesta Vila de visita à sua família o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Amadeu Augusto Alves, ambos funcionários da Companhia de Aviação «K.L.M. em Amsterdão (Holanda).

A este casal nosso amigo e que fizeram a sua viagem num dos mais modernos aparelhos daquela Companhia D.C.-8-63 jacto, com escala em Amsterdão, Bruxelas, Paris, Portela de Sacavém e Pedras Rubras, desejamos muitas felicidades e os nossos cumprimentos.

VINDOS DE FRANÇA — Chegaram a esta Vila, vindos de França os nossos conterrâneos Senhores Baltazar José da Rocha, Franquelim Carneiro, Agostinho Vilas, Gilberto Afonso, José Luís Afonso e Aurélio Afonso, Abílio Afonso, Adérito de Sousa e António do Paço Rodrigues.

A todos o nosso abraço de boas vindas.

LUIS DO ESPIRITO SANTO RODRIGUES — Após alguns anos em serviço na nossa província ultramarina de Moçambique, regressou há dias o Sr. Luis do Espírito Santo Rodrigues, Dig.mo Agente de 1.ª Classe da Direcção Geral de Segurança, que após a sua chegada, foi colocado na chefia do Posto Fronteiriço do Peso.

Ao novo Chefe de Posto, desejamos as maiores facilidades no desempenho das suas funções e os nossos parabéns.

ANTÓNIO (AUGUSTO ESTEVES) — De visita à sua família, encontra-se na freguesia de Paços o nosso estimado assinante em França, Sr. António Augusto Esteves, acompanhado de seus pais e de seus irmãos José Manuel Esteves e Juvenal José Esteves.

A todos os nossos cumprimentos.

MANUEL HERNANI DE ALMEIDA — Em gozo de merecida licença, encontra-se entre nós o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Manuel Hernani de Almeida, Dig.mo Sub-chefe da P.S.P. na Ilha Terceira (Açores).

Os nossos cumprimentos.

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO
SOLICITADOR

Largo Hermenigildo Solheiro
MELGAÇO

VISITA DE INSPECÇÃO — Em visita de Inspeção ao posto de Marinha desta Vila, esteve há dias o Sr. Capitão Miranda Gomes, Dig.mo Comandante da Capitania do Porto de Caminha, que era acompanhado de um oficial superior do Ministério daquela corporação.

Os nossos cumprimentos.

REV. P. SEVERO DO NASCIMENTO — Para Pedrouços — Porto, retirou há dias o Sr. Rev. P. Severo do Nascimento, estimado Pároco da freguesia de Paços, onde deixou viva saudade a todos os seus paroquianos.

Ao Rev. P. Severo, que naquela cidade, frequenta um curso superior, desejamos muitas felicidades.

FERNANDO AUGUSTO DOMINGUES, 1.º Cabo Miliciano — Em gozo de merecida licença, encontra-se nesta Vila, de visita à sua família o nosso conterrâneo Sr. Fernando Augusto Domingues, 1.º Cabo Miliciano, filho do nosso estimado assinante Sr. Augusto Miguel Domingues e da Sr.a D. Maria de Lurdes Melo Domingues.

Ao nosso amigo Fernando, que há dias terminou a sua especialidade em Lamego e que por escolha foi um dos preferidos para o Ranger's, apresentamos os nossos cumprimentos.

EM GOZO DE LICENÇA — Na sua terra Natal, cidade de Chaves, encontra-se em gozo de merecida licença o nosso amigo Sr. Afonso Moura, Dig.mo Agente da Direcção Geral de Segurança em serviço no posto fronteiriço do Peso.

Durante o período da licença daquele nosso amigo, substituiu-o no mesmo cargo o seu colega S. Agente Macedo, que tem prestado serviço até esta data, na Delegação da D.G.S. da cidade do Porto.

Os nossos cumprimentos.

JOSÉ JOÃO GONÇALVES ESTEVES — Acompanhado de sua Esposa Sr.a D. Maria de Fátima Rodrigues Esteves, tivemos o prazer de ver entre nós o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. José João Gonçalves Esteves, Guarda Fiscal, residentes na cidade do Porto.

Os nossos cumprimentos.

DR. ALBERTO DOMINGUES — De visita à sua família, tivemos o prazer de ver nesta Vila o nosso ilustre conterrâneo Sr. Dr. Alberto Domingues, Dig.mo Inspector do Banco Português do Atlântico, acompanhado de sua Esposa Sr.a D. Maria Angelina de Almeida Domingues, residentes na cidade do Porto.

Os nossos cumprimentos.

ALFERES ANTÓNIO CUNHA — Após dois anos em missão de soberania na nossa província ultramarina de Angola, regressou há dias o nosso conterrâneo e colaborador Sr. Alferes António Cunha, natural da freguesia de Parada do Monte.

Os nossos cumprimentos.

MAXIMIANO AUGUSTO DE FREITAS — Na sua residência da freguesia de Rouças, encontra-se de visita à sua família, vindo de França o Sr. Maximiano Augusto de Freitas.

Ao nosso amigo, que durante alguns anos exerceu na Igreja Paroquial daquela freguesia as funções de Mordomo e que teve a gentileza de oferecer 1 000\$00 para Santa Rita, apresentamos os nossos cumprimentos.

MANUEL AUGUSTO DA ROCHA — Esteve nesta Vila, de visita à sua família o nosso conterrâneo Sr. Manuel Augusto da Rocha, funcionário do «Hotel Tivoli» na cidade de Lisboa.

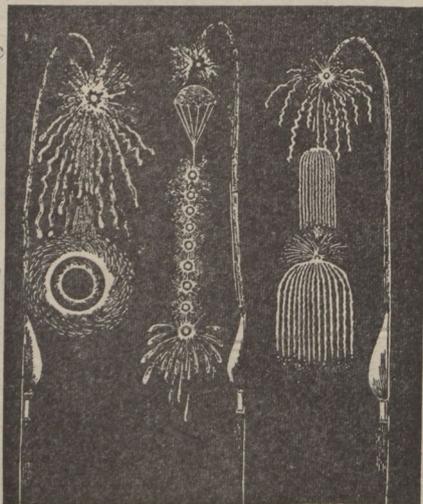
Os nossos cumprimentos.

Apreensão de café!...

Pelas 21 horas, do passado dia 9, no lugar de Cevide, freguesia de Cristoval, na confluência do Rio Minho com o Rio Trancoso, pelo Comandante do Posto da Marinha desta Vila, Sr. Sargento Alfredo Gonçalves Fernandes e pelo Cabo Fuzileiro Sr. Avelino Vilarinho, foi feita uma apreensão de café, donde uma pequena embarcação se pôs em fuga, ao ouvir-se um tiro disparado pelos apreensores, para intimidação dos mesmos.

A qual se refugiou em território espanhol.

Anuncie em «A VOZ DE MELGAÇO»



Fábrica de FOGOS DE ARTIFÍCIO

DE

Manuel Correia Gomes da Costa

Descendente da antiga firma de Alberto Gomes da Costa & Filhos, de Ponte da Barca

MOREIRA — TELEF. 56137

MONÇÃO

Falar ao próprio ou ao Sr. António Reinales, em Melgaço

BANCO FERNANDES MAGALHÃES



PORTO

LISBOA

SÍMBOLO DE SEGURANÇA E DE BONS SERVIÇOS HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

Sociedade Um menor

de nacionalidade portuguesa, trucidado por um comboio em ARBO - (Espanha)

Aniversários

Fazem anos — Dia 17: Fernando Jacinto Gonçalves; Dia 18: D. Ana do Carmo Soares, Augusto Ramos e Hilário Alves Gonçalves; Dia 20: Celestino Dias de Figueiredo; Dia 22: Evaristo José Domingues; Dia 24: D. Beatriz de Jesus Esteves Rodrigues; Dia 25: Henrique José de Sousa Calheiros; Dia 26: D. Ofélia Benavinda Alves Gonçalves Castanheira, Álvaro Gomes de Sousa, António Barbeitos da Silva e José Américo Esteves; Dia 27: Ernesto Viriato dos Passos Ferreira da Silva; Dia 28: D. Alexandrina Áurea Esteves Pereira, João Baptista Gonçalves Ribeiro e Manuel Fernandes Soares; Dia 30: D. Aida dos Santos Lima Morais; Dia 31: D. Maria Teresa Pires e José Augusto Esteves.

Dr. Luis Domingues
CLINICA MÉDICA

Rua Formosa, 253 - 2.º - Dt.º
Tel. 29415 PORTO

Cerca das 11 horas, do passado dia 3, na vizinha povoação fronteiriça de Arbo-Espanha, próximo à Estação Ferroviária foi colhido por um comboio procedente de Vigo, que lhe provocou morte instantânea o menor de nacionalidade portuguesa, Eduardo António de Amorim Vieira, de 17 anos (surdo-mudo), natural da freguesia de Venade, concelho de Caminha, filho de Jesé Valter Vieira e de Rosalina Rodrigues Amorim, residentes nesta Vila.

Pelo conhecimento que tivemos, sabemos que o infeliz Eduardo, se tinha aumentado de casa de seus pais, 24 horas antes do acidente se ter dado.

As autoridades daquela localidade, procederam ao levantamento do cadáver, que ficou depositado no Ayuntamiento local, onde passadas 24 horas, se procedeu às formalidades legais da autópsia.

O funeral, realizou-se para o cemitério daquela povoação, acompanhado por muitas pessoas de todas as categorias sociais e quatro sacerdotes, sendo na Igreja Paroquial, celebrada missa de corpo presente e ofícios, por o extinto ser ali muito conhecido.

A família em luto, apresenta-nos, sentidas condolências.

GRALHA

No número anterior, em «Ainda uns ecos da tomada de posse», onde se lê: «director de dois periódicos», deve ler-se: director de um periódico e proprietário de outro.

Foto CALDAS

TELEFONE, 42220
MELGAÇO

EXECUTA todo o trabalho em Fotografias e vende todos os materiais para as mesmas.

Reportagens para Casamentos, Baptizados, Comunhões, Aniversários, etc.

CONVERSANDO

(No adro)

— Então, compadre, o Santo Padre lá anda, outra vez, na passeata!

— O compadre, tu não vens hoje no teu juízo perfeito... Então tu pensas que o Papa saiu a passear, como qualquer vulgar turista?!

— Eu não penso nada... Até queria que o compadre me explicasse o que foi fazer o Santo Padre, porque a gente ouve por aí tanta coisa!...

— O Santo Padre foi fazer uma jornada apostólica ao extremo Oriente, onde há muitas e florescentes cristandades. Esta é a sétima vez que o Papa sai da Itália e em todas as outras deslocações outro não tem sido o objectivo de Paulo VI. Lembra-te de que o Santo Padre é o sucessor de Pedro a quem Deus confiou a missão de confirmar os irmãos na fé. Pela expansão da fé no mundo, seria o Papa capaz de todos os sacrifícios.

— Mas o Papa Paulo VI não foi já à sede da O. N. U., em Nova Iorque?!

— Foi. Outra das grandes preocupações do Santo Padre é a causa da paz. Foi para fazer um apelo solene à paz em todo o mundo que o Papa falou no palácio de vidro e pediu: «Não mais a guerra, não mais!»

— Também já veio a Fátima! — Pois veio, e não vais tu dizer-me que Paulo VI quis visitar Fátima, como qualquer turista!...

— Eu não digo isso, mas olhe que, na altura, ouvi algumas pessoas, até sacerdotes portugueses, a criticarem essa viagem do Papa!...

— Tu já sabes que certos cavalheiros criticam sempre tudo, por Faz e por Nelas, desde que as suas doutíssimas opiniões não sejam antecipadamente consultadas. Mas, como há quem se importe pouco com essas opiniões e quem, como o Papa, faz o que entende, apesar de todo o ladrado da matilha, a única coisa que acontece é que «os cães ladram e a caravana passa»...

— Eu também julgo que o melhor é fazer ouvidos de mercador, mas, assim como assim, gostava de o compadre me falasse desta viagem do Papa.

— Paulo VI saiu de Roma e parou, por algum tempo, no Irão, antiga Pérsia, onde foi cumprimentado pelo Xá. Apesar de ser um país de grande maioria muçulmana, ou talvez até por isso, Paulo VI quis demonstrar a sua simpatia por aquele povo que é paupérrimo e que, longe dos grandes centros populacionais, vive ainda uma vida quase primitiva, em regime tribal. Dalí, o Papa seguiu até à capital do Paquistão oriental, também de maioria muçulmana, para confortar, com a sua presença e com o seu auxílio material, as populações flageladas por uma das maiores catástrofes de que reza a história e na qual devem ter

perdido a vida muito perto de um milhão de pessoas.

— Bem me lembro de ter visto isso nos jornais!

— Depois, o Papa seguiu para Manila, nas Filipinas que, como deves recordar-te, foram descobertas por Fernão de Magalhães. Ali, ao chegar, ia o Santo Padre sendo vítima de um atentado perpetrado por um energúmeno.

— Que me diz o compadre?!

— Isto mesmo: um sujeito que, pelos vistos é um pintor boliviano, avançou para o Papa, disfarçado de padre e empunhando uma enorme faca. Se não fosse a pronta reacção dos que estavam à volta do Santo Padre, não sei o que teria acontecido. Pois, apesar deste aviso tão sinistro, à chegada, Paulo VI quis fazer a viagem do aeroporto até Manila, em carro descoberto, para poder corresponder melhor às saudações do povo.

— Digo-lhe que o Papa sempre é destemido!...

— Em Manila, onde se encontrava reunida uma conferência episcopal com a maior parte dos Prelados da Ásia, o Papa foi alvo dum das mais grandiosas e carinhosas manifestações que alguma vez foram prestadas a uma pessoa. Tu lembra-te de que as Filipinas são um país que conta perto de 18 milhões de católicos e têm uma das mais florescentes comunidades cristãs de todo o extremo Oriente.

— E depois?!

— A seguir às Filipinas, o Papa voou até à Austrália que, segundo alguns, também foi descoberta pelos portugueses. Mas como esta conversa já vai um pouco longa, havemos de continuá-la para a semana.

De Rouças

12 - 12 - 70

— Está a recuperar bastante o nosso estimado amigo e assinante, sr. Domingos Alves, que há dias se encontrou bastante mal. O sr. Domingos, que em França foi premiado pelo seu patrão, pelos anos de trabalho naquela empresa e pela sua dedicação ao serviço é aqui muito estimado, sendo geral a consternação. Pois felizmente está a recuperar, com o que muito folgamos.

— Tem chegado muitos rapazes de França, cheios de euforia, alegres, a passarem as suas férias com as famílias.

— A todos os nossos leitores, desejamos boas festas do Natal e Ano Novo.

— No dia 8, foi baptizada uma menina, filha do sr. António Vaz e de sua esposa, Maria Cristina Marques, de Lobiô. Foi padrinho o sr. Abade de São Paio, Padre José Marques e madrinha sua sobrinha, Maria Filomena Marques. Ao néfrito muitas felicidades pela vida fora. E aos pais, os nossos parabéns.

— Num dos últimos dias do ano vai realizar-se o nosso lausperene. Oxalá que todos os paroquianos tomem parte.

— A nossa estrada está a deteriorar-se muito, ficando em breve intransitável. Quem olha por isto? — C.

De Prado

[Melgaço vai progredindo

Como já foi publicado em números anteriores, após a publicação do importante Decreto-Lei n.º 49184, em 11 de Agosto de 1969, que amavelmente me foi enviado, o qual legisla sobre Agricultura de Grupo, para assim, todos unidos, poderemos aumentar as produções.

Este correspondente fez exposições por escrito e verbais às esferas superiores, resultando de tais exposições receber um officio para indicar local onde se poderia esclarecer quais as vantagens que o Governo concede à agricultura. Para tal, seria conveniente que se reunissem o maior número de interessados.

Respondi, informando que consegui uma sala aqui no lugar da Serra, e obtive como resposta da Junta de Colonização Interna, a qual informou que em 12 de Agosto, pelas 14 horas, cá apareceria, o que sucedeu. Vieram três funcionários superiores, chefiados por um sr. engenheiro, tendo falado um sr. Dr. sobre a parte jurídica e o presidente sobre a parte técnica, que muito agradou à assistência, resultando de tal reunião a propagação do progresso da agricultura que em outros concelhos e distritos do país tão bons resultados tem obtido, sendo nosso dever imitá-los, visto aqui também ser Portugal.

Mãos à obra.

Precisamos da união de todos para todos unidos constituirmos uma só família, onde trabalharemos um por todos e todos por um, devemos de seguir os exemplos daqueles que nos chefiaram, para assim, poderemos conseguir a união. Sem ela, nada podemos fazer.

Neste tão lindo concelho, tudo pode progredir, temos aqui tudo que é bom, boas águas, bons climas, bons terrenos, os quais, depois de examinados muito podem produzir, em especial nas freguesias de Castro Laboreiro, Lamas, Fiães, Cubalhã, Parada e Gave, a criação de animais de todas as espécies, o que já outrora sucedia. E que delícia de carnes! Era maravilhosa, em especial, a do gado caprino. Viam-se inúmeros rebanhos, às centenas, que se alimentavam com o que ainda hoje está perdido e em virtude do seu crescimento de tempos a tempos, vê-se devorada pelas chamas.

Há em Melgaço enormes extensões de terrenos em que o arvoredo não vinga e onde vingam depois de mondado. Poderia servir para alimento de animais. Poderíamos ter grande número de vacas leiteiras, desde que houvesse quem consumisse o leite e até montar uma fábrica de laticínios, seguindo o exemplo da que existe em Ancora, no concelho de Caminha.

Todos nós sabemos que aqui há muita vegetação em virtude das águas puríssimas que vertem das abas das serras. Poderíamos dedicar-nos à plantação de árvores de fruto, seguindo o exemplo de um proprietário da freguesia de Penso que há 3 anos plantou 750 macieiras e já este ano tirou excelente rendimento. Assim como o de um proprietário do Peso, freguesia de Paderne, que sendo industrial, não pára. Lá se vêem ao Norte das Al-

Lição proveitosa

A vinda a Lisboa de jornalistas de todo o Ultramar Português, por iniciativa dos TAP, atingiu numerosos objectivos que convirá não perder de vista. Temos de enquadrar este empreendimento numa série de iniciativas tendentes a intensificar o intercâmbio tantas vezes preconizado em simposios e congressos e que, uma vez situado no campo de ordem prática, parecia esbarrar em obstáculos intransponíveis...

Com efeito, ao notar que esses obstáculos persistiam, a despeito de muitas boas-vontades, o próprio Estado — por intermédio da Agência Geral do Ultramar — demonstrou que era viável reduzi-los a uma dimensão quase negligenciável. E os cruzeiros de férias já realizados constituem prova categórica. Por seu lado, um industrial mostrou que, nalguns casos, basta uma ideia aplicada com determinação para que as barreiras se desmoronem e o caminho se torne fácil. Agora, um Sindicato de Luanda veio avolumar as evidências com louvável resolução — já coroada de êxito. Neste momento, a acção do Eng.º Vaz Pinto, vibrou um novo e definitivo golpe nos velhos preconceitos. E abriu as portas a uma fase diferente.

Parece, pois, que existia — e conseguiu vicejar durante largo tempo — qualquer factor contrário ao intercâmbio que a própria consciência nacional reclamava. Talvez algumas agências de viagens encarassem como produtoras de maior rendimento as visitas a terras estranhas. Talvez o seu espí-

rito de iniciativa, sob tal aspecto, convergisse para outras paragens. Seja como for, essa óptica deformadora (ou inércia censurável) cessou de ter influência paralizante. A acção conjugada dos Transportes Aéreos Portugueses, dos Sindicatos de trabalhadores angolanos e do próprio Ministério do Ultramar, obtiveram provas que já ninguém poderá ignorar. E rasgaram um caminho que deve ser seguido com persistência.

No que se relaciona com os transportes por via aérea, a vinda dos jornalistas ultramarinos contribuiu, pelo menos, para desfazer mitos que se pretendem tecer em redor desse importante factor da unidade portuguesa, e tornou conhecidos os planos que, dentro de dois anos, permitirão ligações mais rápidas e talvez muito mais económicas. Não se aprecia, nem se estima, o que se ignore. E assim aconteceu, no caso em presença. Quem distingue, apenas, um avião que desce serenamente num aeroporto, está longe de conhecer o esforço conjugado de milhares de pessoas que tornaram possível esse voo, esse acontecimento já entrado na rotina. E muito mais longe de ter ideia do que custa, das responsabilidades que exige, da planificação minuciosa que reclama, dos rigores técnicos que impõe.

Foi, pois, uma lição proveitosa sob múltiplos aspectos. E um exemplo que bom seria não perder de vista, daqui em diante!...

D. C.

Por Santa Rita

Tempos que não voltam mais?

O que foi e agora é, a capelinha da Santa dos impossíveis, agora uma linda Igreja.

Desde que eu comecei a ir àquela lugar de oração em clamor, que saía da Igreja de Santa Maria da Porta e, por outro caminho, o povo em clamor para o mesmo local, da Igreja de S. Lourenço de Prado, implorar à Santa Rita a protecção dos nossos frutos!

A capela era pequena, mal acolhia todo o povo que acompanhava em cada clamor; hoje, uma grande Igreja com a sua grande torre e o relógio a bater as horas de dia e no silêncio da noite que se ouve em lugares distantes. Quem havia de dizer que desde 1897 havia de vir um ser que daria um impulso a tantos e tantos benéficos que se tem entendido com a ajuda de Deus e de Santa Rita! Foi e será o bom Pastor P.º Carlos Vaz, digno pároco daquela freguesia que tem tomado a seus ombros, o pesado cargo a tão grande iniciativa com a generosidade de todo o povo cristão. Tem tido muitas ofertas mas mais são necessárias assim como fazem falta madrinhas para ajudarem a beneficiar os nossos irmãos.

Não nos descuidemos, pois com o nosso auxílio.

A Santa Rita também nos prestará o seu auxílio.

O. M.

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro

MELGAÇO

Antigualhas Melgacenses

(Continuação da 1.ª página)

A igreja matriz existia nos fins do século XII, e já seria antiga. Foi então que se construiu outra, se não foi que se reconstruiu a que já havia, para comportar a população da nova vila. O estilo da construção, embora alejado no decorrer dos tempos, mostra-nos bem a sua antiguidade. Melhor testemunho têm-lo na era inscrita junto da porta lateral a norte, embora já mutilada e ultimamente prejudicada pelo cimento aplicado.

A 30 de Junho de 1183 realizou-se um acôrdo entre o *concelho* de Melgaço e o mosteiro de Fiães, sendo abade D. Martinho. Desde já esclareço que o *concelho* corresponde ao que hoje dizemos *câmara*.

Deste acôrdo existem dois traslados no cartulário de Fiães (?), que, dizendo mais ou menos a mesma coisa, têm pequenas diferenças de texto mas rematam por iguais menções de assinaturas.

De redacção um tanto confusa, este documento, comparando as duas cópias, faz-nos perceber que o mosteiro tomava conta da igreja de Santa Maria de Melgaço durante 15 anos para a reparar e depois ficaria sendo metade do *concelho* e metade do mosteiro mas sempre indivisa e administrada pelo mosteiro.

Dois anos mais tarde, em 30 de Junho de 1185, teve lugar novo acôrdo, sendo abade do mosteiro de Fiães D. Pedro, de que há no cartulário também 2 traslados (?). No essencial este acôrdo não difere do anterior e poderá ter sido motivado pela mudança do D. Abade de Fiães.

Passados mais 2 anos, a 1 de Abril de 1187, novo acôrdo nos aparece no cartulário (?), mas desta vez com o arceidiago de Valadares D. Garcia. O cargo de arceidiago correspondia mais ou menos ao de arcepreste actual. Este arceidiago D. Garcia, como se vê de outro documento do mesmo cartulário (?), era da quinta de S. Cipriano (hoje S. Cibrão) nos limites de Penso, e de apelido patronímico Nunes. É também a respeito da igreja de Santa Maria.

Por outro documento adiante citado, sabemos que este acôrdo de 1187 foi sobre a actual matriz. Quem interveio não foi o *concelho* mas sim «todos os moradores de Melgaço, tanto homens como mulheres», em concessão ao referido arceidiago sobre a igreja de Santa Maria com a condição de a restaurar e edificar com a ajuda deles proporcionando-lhe materiais até que ficasse acabada e pronta. Depois ficaria o arceidiago com uma terça parte para si e seus herdeiros, e eles com duas terças, continuando indivisa e em boa concórdia. Não se vê intervenção de qualquer autoridade, mas apenas de «todos os moradores de Melgaço, tanto homens como mulheres» e a confirmação do abade D. Martinho de Fiães.

Encontramos nova referência no ano de 1205. A 13 de abril foi outorgado novo acôrdo relativo à Igreja de Melgaço, desta vez entre o arceidiago de Valadares D. Garcia Nunes e seu protegido André Garcia com o mosteiro de Fiães de que era abade D. Domingos. O referido André Garcia devia ter em seu poder a igreja de Melgaço que está edificada junto à porta da mesma vila» mas sôb a tutela do dito arceidiago em sua vida. Após a morte do arceidiago conservá-la-ia em sua vida mas por alma dele daria todos os anos no dia da Ceia do Senhor (5.ª feira santa) oito soldos para o refeitório do mosteiro. Por morte de André Garcia ficava a igreja de Melgaço em propriedade do mosteiro. Este documento é assinado pelo beneficiado André Garcia juntamente com o *concelho* de Melgaço.

É esta a mais antiga referência que encontrei ao cognome «da Porta» designativo da igreja matriz de Melgaço, designativo que depois nos aparece muitas vezes.

Em 1246 realizou-se um acôrdo por arbitragem entre o mosteiro de Fiães e a igreja de Chaviães. Havia diferenças por causa de «terras, vinhas, dizimos e outras coisas» de que falarei ao escrever da igreja de Chaviães. Nesse acôrdo interveio «João Eanes pároco de S. Fagundo e procurador da igreja de Santa Maria da Porta».

Fica, pois, comprovada a antiguidade da designação de «Santa Maria da Porta».

Nas inquirições de 1258 estiveram presentes na vila de Melgaço o abade e o celeireiro de Fiães, o prior de Paderne e o prior de Longos Vales e João Mónaco pároco de Santa Maria e «muitos homens importantes do termo entre os quais 5 clérigos. A inquirição dá informação de várias localidades do *concelho* de então.

Em todas as freguesias é mencionado o pároco, mas aqui apenas menciona «João Mónaco pároco de Santa Maria», que naturalmente é a da Porta, embora se arquite logo no início do depoimento que «Santa Maria da Porta e Santa Maria do Campo e São Fagundo» são reguengas, isto é, propriedade do Rei, o que hoje diríamos património do Estado.

Das inquirições de D. Dinis (1290), 1301 e 1307) nada se desprende a respeito das igrejas

Em 1320 o Papa concedeu ao rei D. Dinis durante três anos a décima parte das rendas eclesiásticas para a guerra contra os mouros.

Fez-se uma estimativa geral dos rendimentos das igrejas de todo o reino. Nesse rol aparece-nos Santa Maria da Porta taxada em 110 libras, e Santa Maria do Campo e S. Fagundo em 30 cada uma, donde se vê como a primeira estava em plano bastante superior quanto a rendimentos. Para comparação direi que Rouças foi taxada em 120, Penso em 62, Prado em 12, S. Paio em 30, Castro Laboreiro em 280, o mosteiro de Fiães (só pelo que tinha em Portugal) e sem atender ao que tinha em Galiza) em 400 e o mosteiro de Paderne em 500 (?).

No chamado (?) Igrejário de D. Diogo de Sousa, que foi arcebispo de Braga de 1505 a 1532 aparecem-nos ainda as 3 igrejas, sendo Santa Maria da Porta metade do mosteiro de Fiães e metade do *concelho*, Santa Maria do Campo de colação do Arcebispo, isto é, concedia livremente ao clérigo que entendesse e em igual categoria a de S. Fagundo que já não tinha cura de almas, isto é, já não era parochial.

A de Santa Maria da Porta era de Fiães e do *concelho*, isto é, o pároco era escolhido e apresentado ao arcebispo alternadamente pela Câmara e pelo mosteiro de Fiães.

O SANTO DA QUINZENA

(Continuação da 1.ª página)

predestinado a ser Apóstolo de muitos povos. Vivia nessa cidade, um outro eleito do Senhor — S. Inácio de Loyola. Conhecendo ele os grandes talentos de Francisco, tratou de travar relações com este, na intenção de ganhá-lo para a causa de Deus. Não era fácil conseguir este propósito, visto a vaidade e a ambição de Francisco terem tido em mira fins bem diferentes. Inácio, porém, esclarecido por uma luz divina, pronunciou estas palavras: «Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vem a perder a alma? Teve a satisfação de observar uma grande mudança em Francisco. Este entregou-se inteiramente à direcção de Inácio, que em breve o recebeu entre os primeiros associados da Companhia de Jesus. Passado algum tempo recebeu Francisco ordem de seguir para a Itália. Dois meses passou em Veneza, ocupando-se como enfermeiro no hospital. Existia ali um doente, cujo corpo estava coberto de úlceras asquerosas que exalavam um cheiro nauseabundo. Como ninguém dele se quisesse compadecer, Francisco venceu heróicamente o nojo, que a moléstia lhe causava e tratou do pobre doente com todo o carinho. Deus recompensou este heroísmo e Francisco nenhuma repugnância mais sentiu dos doentes.

Dois meses depois recebeu a ordenação sacerdotal. João III, Rei de Portugal, pediu ao Papa que mandasse seis sacerdotes da Companhia de Jesus para as possessões que a coroa portuguesa tinha adquirido nas Índias. S. Inácio só dois pôde destacar para aquela missão; mas um adoeceu gravemente e para substituí-lo, foi designado Francisco Xavier, sem dúvida, escolhido por Deus para tão elevada missão. O navio levava 900 passageiros, dos quais grande número adoeceu. Francisco fez-se enfermeiro deles e conseguiu levá-los a todos à prática de uma vida cristã. Esta missão continuou em Moçambique, onde o navio, sendo inverno, ancorou, e ficou durante seis meses! Foi em Goa, mesmo, que Francisco encontrou os trabalhos apostólicos. Foram as crianças a quem se dirigiu primeiro. Muitas destas crianças tornaram-se apóstolos nas famílias e foram dizer aos pais que fossem ter com o grande missionário. Tendo por algum tempo catequizado a infância, dirigiu-se aos adultos. Foram tantos os baptizados que fez, que mal podia aguentar seu braço de cansaço. Um dia foi chamado para a eternidade na glória, morrendo paupérrimo e sem conforto humano!...

Irmã Maria dos Anjos

Por Santa Rita

(Continuação da 1.ª página)

Sim. Vale a pena. Oxalá que o Senhor nos faça dignos de trabalharmos para Ele.

É a recompensa? — É grande. «Tudo o que vós fizerdes a um destes pequeninos é a Mim que o fazeis». Amigos de Santa Rita, queridas Madrinhas, vamos? Precisamos de muitas orações. Todas as grandes batalhas, como as pequenas, se ganham no Céu. Rezemos todos por esta obra. Para que ela seja digna de Deus.

Os nossos vizinhos tem-nos respeitado muito. E assim aqui muitos nos vem trazer as suas ofertas, que nos tem valido muito. A sr.ª Maria Branca, que nos prepara o pão e ainda reparte conosco da carne que pode; a sr.ª Maria Lourenço, da Eira; a sr.ª Ludovina, da Aldeia, etc., etc., vem repartindo com os nossos irmãos. Como lhes estamos gratos. Tem chegado mais donativos. E assim: dos srs. António Marques, de Lobió, por um seu filho, 1.000\$00; duns rapazes de S. Paio, vítimas de desastre, em Espanha, 10 francos; da sr.ª Joaquina Domingues, 20\$00; do sr. Manuel Fernandes, da Cela, 86\$00; da sr.ª Maria de Lurdes, da Aldeia, 30\$00; do sr. Manuel Lourenço, da Eira, 60\$00; do sr. António Rodrigues, Porto, 500\$00; do sr. João Baptista Esteves, dos Carvalhos, 100\$00; do sr. Manuel Lourenço, da Pires, de S. Paio, 1.000\$00; da sr.ª Isabel Esteves, da Barreira, 50\$00; da sr.ª Ortelinda Rodrigues, de Cavaleiro Alvo, 25\$00; da sr.ª Maria Rosa Alves, do Sobral, 46\$00; do sr. António Gonçalves, 23\$00; da sr.ª Maria Gonçalves, da Aldeia, para o Santíssimo em Santa Rita, 120\$00; da sr.ª Ilda de Barros, do Crasto, 20 novos francos e da sr.ª Fátima de Barros, do Crasto, 10 novos francos. E graças a Deus!

E agora tudo faz muita falta, pois estiveram aqui há dias os srs. técnicos de Braga, a fazer os seus desenhos, da nossa Casa. Sim, temos de ajudar todos.

Estamos já a pensar na construção da nova capela-igreja, em honra de Maria Rainha Imaculada. Será para este próximo ano? — Oh! se todos quizessem, tudo isto, nesta bendita terra de Santa Rita, seria em breve, alguma coisa de grande. Os ares, o panorama, a obra, tudo isto seria grande, nesta nossa terra. Vamos então a isto? E todos?

Muito obrigado a todos o

PADRE CARLOS

Em princípios do século XVIII a igreja de Santa Maria da Porta era abadia ainda com a apresentação do pároco alternadamente pela Casa de Bragança e pelo mosteiro de Fiães (?).

P.º M. A. BERNARDO PINTOR

(1) Fls. 94 e 94 v.

(2) Fls. 17 e 94 v.

(3) Fls. 95.

(4) Fls. 13 v. e 41.

(5) Hist. da Igreja em Portugal, de Fortunato de Almeida; Tomo II, apêndice a 1.ª pag. 609, Terra de Valadares a pag. 656.

(6) Boletim de 'Arquivo Municipal de Guimarães, 1941 vol. VI, r.º 3, 97-192. Melgaço a pag. 161-162.

(7) Corografia Portuguesa do P.º A. Carvalho da Costa, 2.ª ed. pag. 299.

Numa hora dolorosa

(Continuação da 1.ª página)

figura de sacerdote, não só no nosso *concelho* como em toda a Arquidiocese.

A sua vida, toda cheia de méritos, desprendida dos bens do mundo, é exemplar. Por isso, o sr. P.º Justino tinha e tem jus a outras recompensas da Igreja. Dissemo-lo ontem e afirmámo-lo hoje.

Mas o sr. P.º Justino é professor no Colégio. O sr. P.º Justino é pago ali dos seus trabalhos, pelo Presidente da Câmara, e é co-sócio do Colégio. E o sr. P.º Justino foi assistir à posse do actual Presidente da Edilidade, no Governo Civil. E não assistiu, pessoalmente, ao jantar de homenagem ao seu parquiano, católico exemplar, que trabalhou com o seu exemplo e suas palavras, durante 11 anos, muitas gerações de alunos, de Melgaço. Com o exemplo e com a palavra. O sr. Prof. Rodrigues, na qualidade de Presidente da Câmara deu todo o seu concurso, para que horas altas de fé, como peregrinações, actos de culto, etc., resultassem brilhantes. E o sr. Prof. Rodrigues não o pôde contar entre o número dos que se sentaram, nessa noite, consigo, à mesa. Para ali mandou uma sua sobrinha. Estava certo, o sr. P.º Justino tomara partido. Não ficara acima das divisões.

E, que lhe sucederia no Colégio, se não fosse essa a sua atitude?

Ora o sr. P.º Justino, por força das circunstâncias, tem de dar as suas informações. Não só às Autoridades Eclesiásticas como, porventura, às civis. Cremos até que a estas já as daria.

A hora que Melgaço atravessa é delicada. E aqueles que têm de ocupar estes cargos devem exercê-los com toda a independência. Mas o sr. P.º Justino trabalha no grupo duma facção. E já fez a sua escolha. Já tomou partido. Pedimos muita desculpa a Sua Rev.ª. Mas todos estamos a ser julgados. E nestes tempos, em que se proclamam e vivemos o direito do homem, os direitos da dignidade da pessoa humana, temos de dizer que exigimos a maior independência daqueles que têm de pronunciar-se sobre todo este drama em que se colocou esta bela terra de Melgaço, terra que passou 11 anos numa grande paz.

O sr. P.º Justino é pago dos seus trabalhos pelo actual Presidente da Câmara. Que lhe sucederia se fosse contra S. Ex.ª?...

Pedimos muita desculpa ao sr. P.º Justino. Ontem, como agora, afirmamos: — o sr. P.º Justino é uma grande figura de sacerdote, não só no nosso *concelho* como em toda a Arquidiocese. Foi e é-o.

Mas alguém nos pode levar a mal que ponhamos, claramente, os elementos necessários para um bom julgamento?

De Lamas de Mouro Reforma das Casas do Povo

Na Igreja Paroquial desta freguesia, realizou-se no passado dia 28 o enlace matrimonial dos nossos conterrâneos Sr. Belarmino Bernardo, filho de Benjamim Bernardo e de Maria da Conceição Domingues, com a menina Judite Alves, filha de José Bento Alves e de Rosa Alves.

No fim do acto, em casa dos pais da noiva, foi servido um lauto jantar a inúmeros convidados.

Aos noivos, desejamos muitas felicidades e uma perene lua de mel.

VINDOS DE FRANÇA — Chegaram há dias vindos de França os nossos conterrâneos Senhores

1) O esquema de benefícios da previdência abrange:

- a) Os sócios efectivos e seus familiares;
- b) Os sócios contribuintes equiparados e efectivos e os seus familiares;
- c) Os pensionistas de invalidez ou velhice;
- d) Os trabalhadores por conta própria ou de outrém, não abrangidos pelo regime geral da previdência, que te-

António Alves, Manuel Alves, José Rodrigues e outros, que vem passar o Natal com os seus familiares. — C.

nam um nível de vida igual ao de um trabalhador rural e queiram pagar uma quota mensal de 20\$00 se forem maiores de 18 anos ou de 10\$00 aos menores dessa idade.

(Para estes o esquema de benefícios só abrange as modalidades de doença, maternidade e morte).

- 2) Modalidades concedidas:
 - a) Doença e maternidade
 - b) Casamento
 - c) Nascimento
 - d) Morte
 - e) Invalidez ou velhice.

3) Prazos de garantia:

- a) 3 meses de inscrição, para os casos de doença e subsídios de casamento ou morte;
- b) 5 anos de inscrição, para o subsídio por invalidez ou velhice.

4) Benefícios:

1) Assistência médica inteiramente gratuita para o sócio e familiares, na sede do Organismo ou no domicílio. O sócio em caso algum pode gastar seja que importância for em assistência médica (clínica geral);

2) Elementos auxiliares de diagnóstico gratuitos. (Até aqui não tinham esse direito);

3) 50% de desconto nos medicamentos. (Até aqui o sócio tinha 50% de desconto e os familiares 25%);

4) Subsídio diário durante 180 dias em cada ano. (Até agora o subsídio abrangia apenas 90 dias em cada ano, sendo de 16\$00 no primeiro mês e de 12\$00 nos dois meses seguintes, no caso dos homens; e de 8\$00 no primeiro mês e 6\$00 nos dois meses seguintes, no caso das mulheres);

5) O direito à assistência médica mantém-se quando o sócio for temporariamente residir para a área doutra Casa do Povo e ser-lhe-á lá garantido pela Casa do Povo local ou pelos serviços médicos de previdência. (Até aqui, num caso desses, o direito caducava);

6) Os sócios têm de pagar senhas de consulta. (Até agora não pagavam).

b) Subsídio por casamento: Subsídio de 300\$00. (Até aqui era de 100\$00).

c) Subsídio por nascimento: Por cada filho nascido com vida, 300\$00. (Até aqui era de 50\$00).

d) Subsídio por morte: Aos herdeiros do sócio falecido, 600\$00. (Até aqui o subsídio era de 150\$00).

c) Invalidez ou velhice: A todos os sócios efectivos ou equiparados que estejam inválidos para o trabalho ou tenham mais de 70 anos, é concedido um subsídio mensal de 200\$00, se forem homens, ou 150\$00, se forem mulheres.

(Até aqui, homens e mulheres, recebiam 100\$00 mas só os inválidos e até ao limite de 12% dos sócios efectivos da Casa do Povo).

Agora recebem todos os inválidos ou maiores de 70 anos.

A partir de 23 de Setembro de 1975 o subsídio dos homens sobe para 300\$00 por mês, mantendo-se o das mulheres em 150\$00, mínimos esses que são acrescidos de 20\$00 para os homens e 10\$00 para as mulheres por cada ano de pagamento de quotas além de 10 anos, até ao limite máximo de 800\$00 por mês.

O cargo para o homem ou o homem para o cargo?

É salutar tradição dos municípios portugueses terem, à sua frente, homens íntegros, impolutos e também sem interesses de ordem material ligados ao cargo que exercem. Só assim os municípios acreditam nele, o seguem, o apoiam e com ele colaboram. Mas se notam que não foi procurado o homem para o cargo, mas sim se deu, a determinado indivíduo, numa hora crítica para ele, o cargo de que precisa para se salvar ou salvar os seus interesses, então, torna-se imediatamente suspeito. E mesmo que faça chover açúcar, nem assim, terá a confiança do povo. É fatal. Pode vir com as panaceias que quiser. Nunca enganará ninguém. Nem sequer se salvará, apoiando-se num punhado de pessoas, com ele comprometidas nos mesmos interesses. Descambam para o sórdido. Cevam o ódio, ameaçam, vingam-se, mas nem temidos são, seja por quem for. Numa palavra, falta-lhes a autoridade moral.

Este pequeno preâmbulo, vem a propósito, da criação e funcionamento do Ciclo Preparatório, em Melgaço. Todos sabem que vai brigar com os grandes interesses materiais dos proprietários do colégio e de outros, a ele ligados. Isto é um facto, que a seguir se provará, com estatísticas e números, que ainda são, no meio de tanta poeira, a linguagem mais clara e irrefutável.

Mas antes disso, vejamos ainda:

PRIMEIRO: — Quando começou a campanha contra o antigo Presidente da Câmara? Resposta: — Logo que ele deu início às diligências para a criação do Ciclo Preparatório.

SEGUNDO: — Quem tomou parte nessa campanha? Resposta: — Proprietários do Colégio, bem como pessoas que tem lá interesses. seus familiares, e até um senhor Clínico, que via nisso o caminho aberto para os seus fins.

Só com esta amostra, se compreendemos bem, e que o concelho inteiro conhece, já se conclue, com toda a lógica, Aristotélica ou mesmo Cartesiana, que não eram os interesses do concelho os procurados, mas sim os interesses pessoais e os do grupinho, escassamente minoritário.

Nem mesmo se deu algum verniz político ao problema. Foi-se de caras. Nomeou-se Presidente do Município o principal interessado nos proventos do Colégio. Depois, venham dizer-nos que Melgaço é ingovernável. De quem é a culpa?..

O concelho, bem visivelmente, tem mostrado o seu desgosto.

Vamos, por hoje, à eloquência dos números. São irrefutáveis e até explicam, com uma nitidez brutal, de como se chega à Presidência de uma Câmara.

Leiam todos, com atenção, os quadros, interpretem a filosofia dos números, e depois, concluem:

QUANTO PAGAM OS ALUNOS DO COLÉGIO, E, QUANTO PAGARÃO QUANDO HOVER CICLO PREPARATÓRIO?

NO COLÉGIO	NO CICLO PREPARATÓRIO
10 meses × 250\$00	4 prestações anuais, sendo a primeira de 55\$00 e as três restantes de 50\$00. Logo, cada aluno paga, por ano, 205\$00!!
é igual 2.500\$00, por ano.	

Resumindo: Cada aluno do Colégio paga mais num só mês, do que em todo ano, no Ciclo Preparatório.

Aqui está o porquê de toda a questão. Criado o Ciclo, deixam de entrar, por ano, no cofre do Colégio, centenas de contos.

A criação do Ciclo Preparatório é inevitável. O concelho EXIGE-O! Então, abre-se a caixa de Pandora. Não há edifício que sirva para esse fim. Só no Colégio. E fica salvo, em parte, o negócio. Aluga-se parte do Colégio, à Câmara Municipal, por uma renda o mais pingue possível. Pronto! Demorou-se tanto quanto foi necessário. Mas, ao menos, não se perdeu tudo. Salvou-se o que se pôde salvar.

Ou não será assim?

Em Melgaço, onde o problema do Ciclo Preparatório estava quase solucionado, com o Sr. Prof. Rodrigues, e vemos outros concelhos próximos, nas vésperas do seu funcionamento, a posição em que nos encontramos, desgosta-nos profundamente.

Quem nos vale?

Vinho do Porto **BARROS**

De todos De todos

0 0

mais saboroso mais preferido

Lágrima Christi **BARROS**

em França o mais apreciado

«**SEGUROS**»

Acidentes Pessoais — Acidentes no trabalho
Automóveis — Caça — Fogo (incluindo raio)
S. Cristóvão — Vida — Vidros e Cristais, etc.

COLOCA EM COMPANHIAS NACIONAIS OU ESTRANGEIRAS

Miguel H. G. Pereira

Rua da Calçada Telef. 42212 MELGAÇO

Agência de Viagens «**RUMO,**»

PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS

Bilhetes de Combóio, a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Posto de Câmbios do BANCO DE AGRICULTURA

TELEFONE, 42278 — MELGAÇO

ELECTRO LAR, L.^{DA}

ESTABELECIMENTO DE ARTIGOS ELECTRO DOMÉSTICOS

RÁDIOS * TELEVISORES * FRIGORÍFICOS * MÁQUINAS DE COSINHA * MÁQUINAS DE LAVAR MÁQUINAS DE BARBEAR * FERROS DE ENGOMAR ASPIRADORES * GIRA-DISCOS * VENTILADORES PANELAS DE PRESSÃO * ETC.

AGENTES OFICIAIS:
PHILCO — A. E. G. TELEFUNKEN

e também AGENTE OFICIAL da famosa marca japonesa NATIONAL

Encarrega-se de instalações eléctricas, com orçamentos grátis

Em frente ao Hospital — Telef. 42231 — MELGAÇO

CARTA DA CAPITAL

Um título que nos surgiu de chofre e que poderá servir para encimar crónica simples, ao deixar-correr, de tempos a tempos. Sem pretensões, apenas como variante, projecção patente da saudade activa, que criou em nós, arrancados ao terruño natal, seja pelo fim que for.

O minhoto, é assim. Foi-o no tempo da emigração para o Brasil, na hora da partida a pensar na do regresso, endinheirado e feliz, pronto a fazer benesses e caridade. Certo que então foi duramente castigado na personificação do «brasileiro», criticado e por vezes ridicularizado. Pena que nessa baralha se empenhassem então tantos como o senhor Camilo Castelo Branco. Mas enfim, os homens de letras, têm as suas idéias que, por genuinamente suas, afoitammo-nos mesmo a dizer, que definem a sua personalidade.

Não sabemos se poderíamos num bosquejo histórico ir um pouco mais para trás na esteira do tempo, com vista ao passado, dado que nos não poderia admirar que este espírito de audácia, tenacidade e Por ABEL VARELA SEIXAS aventura revelados, na paz, e na segunda década do século XIX se não tivesse repetido noutros períodos da vida da nacionalidade. O Minho, teve sempre evangelizadores, soldados e marinheiros. Deve continuar a tê-los nos mais variados âmbitos da acção e actividade.

Ao brasileiro a quem tanto se deve porque, fiquemos todos certos até um certo ponto se não fosse ele, muitas casas de caridade teriam fechado as portas e muitas terras não teriam a luz da instrução, na escola que lhes ofertou. Até bem próximo, que nos lembre, o chamado «Hospital de Cerveira», já no nosso século e na nossa idade. Quem o fez? As sátiras dum escritor, ou o sentimento de amor à terra, do ausente, do emigrante?

É por isso que não nos cansamos de enaltecer essas gentes que, no espírito de desprendimento, mas sempre presos por fios invisíveis duma ternura melancólica aos cantinhos que lhe foram e são queridos, abala a novas paragens — outras terras, outras gentes — em busca de melhor salário, o bem estar que, por cá, não vai muito ao seu alcance.

A prova provada da sua presença, não deixa de marcar, como a dos antecessores, a permanência desejada, quer na beneficência, nas iniciativas colectivas da sua freguesia ou me e muito especial e naturalmente, na particular.

Pode-se continuar o trinar das cordas para o fado choradinho, em que somos peritos sentimentais, mas a verdade é que o seu dinheiro vai fazendo coisas novas, que até ali não se viam. Há factos que por tão evidentes, claros e positivos, não vale a pena cármos sobre grandes exposições, conceitos filosóficos ou semelhantes que, tudo isso, não passa de puro abstracto. Aqui, como se diz algures, na explicação ou no significado da palavra «emigração», o que parece, é!

O regresso dum herói

(Continuação da 1.ª pag.)

técnico te mergulhou numa noite escura de sete anos e meio de cativo.

Teus pais, tua esposa e nós, os teus amigos, sempre confiamos no teu regresso. Um dia, havias de voltar! Nunca vi teu pai chorar. Chorava, porém, e com que dor, quando te recordava. O que ele tentou por ti... Vi-lhe oferecer a vida, para que tu vivesses!...

E a tua santa mãe. Vestiu-se de luto. Mas na alma teve sempre a chama da esperança: VER-TE.

Eu vi tua mãe, debulhada em lágrimas, aos pés da imagem de Nossa Senhora. Parecia a Senhora da Soledade. De lábios ressequidos, mãos enclavinhadas de encontro ao peito, eu lia no murmúrio dos seus lábios, este poema de amor: — MEU FILHO.

Eu vi tua esposa, ferida pelo mais pungente dos martírios, retirar-se para a solidão.

Levava consigo, para com ela viver, a esperança de um dia, rever-te maravilhada.

Eu vi os teus amigos, que somos todos nós, recordar-te com emoção.

Nas missas dominicais, em plena oração dos fiéis, rezamos sempre por ti. Rezamos com fé e com ênfase.

E quando eu te invocava:

Pelo feliz regresso do nosso amigo Sargento Lobato.....

Em unísono a paróquia inteira respondia:

Ouvi-nos, SENHOR.

E o Senhor, ouviu-nos. Tu vieste. Estás conosco.

Mereces da Pátria, a quem serviste e honraste. Mereces, da tua paróquia, dos teus conterrâneos, dos teus amigos. Paderne, testemunhou com indescritível alegria, o teu regresso. Fizemos da tua casa o centro de uma romaria de saudade. No ar, estrelajavam os foguetes, e as nossas almas transbordaram de alegria.

Não ficaremos só nisto. Queremos prestar-te a homenagem que tu mereces.

Sei que fere a tua humildade. Tu mesmo do disseste.

Mas, tem paciência, amigo. Aqui, tens de render-te.

Logo que trocamos impressões, chegaram à residência paroquial inúmeras adesões. Vontades que querem honrar, publicamente, o seu herói. Não podes furtar-te. É desejo de toda a freguesia. Temos de lhe dar cumprimento. Entre outros, constituiu-se a Comissão da seguinte maneira:

- Padre Albertino, Prior; Prof. Pinho, Presidente da Junta; José Lourenço, Regedor; Anibal Esteves, Secretário da Junta; Manuel Esteves Lira, Funcionário; Mario Bento Ranhada, Proprietário; António Ranhada, Proprietário; José Augusto Meixeiro, Proprietário e Paulo da

De PENSO

Dezembro, 9

Visitas — No passado dia 6, tivemos o prazer de cumprimentar, os nossos ilustres conterrâneos, e bons amigos srs. Dr. Eduardo Vilarinho, Inspector da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, e Dr. Luiz Rocha Advogado e Notário em Viana do Castelo.

Natal — Como é este o último número deste jornal, este Ano, e a grande Festa da Família está próxima, apresentamos os nossos desejos de Boas Festas ao nosso Director, Chefe de Redacção e a todos que para a «Voz de Melgaço» trabalham, escrevem e leem. Para todos, um abraço, Feliz Natal, e Novo Ano cheio de Prosperidades.

Agressão — Fomos surpreendidos esta manhã com a noticia de uma agressão entre vizinhos.

Domingos Castanheira, foi agredido por João Cardoso, ambos do lugar das Mós, tendo o Domingos ido de ambulância para o Hospital.

Norberto José Vas

Morreu o «Camilo»

Figura típica da povoação fronteiriça de ARBO (Espanha)

Há dias, em Arbo-Espanha, faleceu um pobre de nome Camilo Paz Iglezias, de 63 anos de idade, figura típica daquela povoação fronteiriça, pessoa muito estimada e conhecida pelos portugueses emigrantes que fazem movimento pela fronteira daquela povoação, pois era o Camilo que, sempre transportava as malas da Estação ferroviária para o Rio Minho, há mais de quarenta anos.

Recorda-nos que quando o Camilo encontrava qualquer português, ouvia-se a sua voz pa-chorronta «ó soi Camilo Castelo Branco», o nome do grande escritor do nosso país, que já mais esquecera.

O seu funeral, realizou-se com a affluência de muitas pessoas de todas as categorias sociais daquela localidade.

Que a alma do extinto, repouse em paz.

Cruz Domingues, Funcionário Bancário.

Em linhas gerais, está traçado o programa. Será no dia 27 de Dezembro.

Haverá missa de acção de graças, ao meio dia, na igreja paroquial de Paderne. Seguidamente, almoço num hotel do Peso.

Volto a lembrar-me do Infante Santo. E lembra-me também aquele soneto de Bocage:

Quão semelhante acho o teu fado ao dele Quando os cotejo.....

Mas há uma diferença. Feliz para ti e para nós. Não tiveram essa ventura os contemporâneos do Rei Eloquentes. É que, o irmão do Navegador, não voltou de Fez.

E, TU, REGRESSASTE DE CONAKRI.

Padre Albertino Prof. Pinho

FALECIMENTOS

António Lourenço

Na sua residência da Povoia de Lanhoso, faleceu no passado dia 1, o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. António Lourenço, Chefe da Estação dos C. T. T. daquela localidade.

O extinto, pessoa dotada de qualidades de carácter e bondade, que sempre o impuseram à geral consideração e amizade de que gozava no nosso meio, finou-se com a idade de 38 anos, causando a sua morte profunda consternação a todos quantos o conheciam ou que com ele privavam.

Era casado com a Sr.a D. Maria da Conceição Chagas de Sousa Lourenço, pai de dois filhos de tenra idade, irmãos dos Senhores Rev. P. Manuel Lourenço, Professor José Augusto Lourenço, Duarte Lourenço, das Senhoras D. Aida Lourenço, D. Maria da Conceição Lourenço, cunhado dos Senhores Armando Gonçalves, José Gonçalves e da Sr.a Professora D. Maria Helena da Cruz Lourenço.

O seu funeral, realizou-se no dia seguinte para o cemitério daquela localidade, tendo assistido muitas centenas de pessoas de todas as categorias sendo parte das quais, da maior representação, deslocando-se da nossa vila e outras freguesias, cerca de cinquenta automóveis.

A toda a família em luto, «A Voz de Melgaço» apresenta o seu cartão das mais sentidas condolências.

P. S. — Nas vésperas do seu último internamento numa casa de saúde do Porto pudemos abraçar o António pela derradeira vez.

Tinha a certeza da morte, que as lágrimas incoitadas, quando se lhe acariciavam os filhos o confirmavam.

Vivia para o seu lar e para a sua profissão.

Simplex e bondoso, cumpridor e delicado, grangeou nos lugares aonde trabalhou a simpatia e a admiração de todos.

Não estranhámos, pois, que a sua morte fosse chorada e que o seu funeral fosse uma presença de verdadeiros amigos, que se despediam de alguém, cuja amizade nos enobrecia.

Que o Senhor o tenha no Seu reino.

J. V.

António Rodrigues

No passado dia 4, faleceu na sua residência do lugar da Adevilha, freguesia de Fiães, o Sr. António Rodrigues, Proprietário de 83 anos de idade.

O extinto, pessoa de respeitabilidade e de muita consideração pelas suas qualidades de carácter moral, era casado com a Sr.a D. Esperança Domingues Rodrigues, pai dos Senhores, Rev. P. António Rodrigues, Professor Manuel José Rodrigues, Armando da Ressurreição Rodrigues, Dr. José Bartolomeu Rodrigues, Conservador em Baião, Engenheiro Abel Rodrigues (ausente em Angola), das Senhoras D. Rosa Rodrigues, D. Aurora Rodrigues e irmão do Rev. P. Manuel José Rodrigues.

O seu funeral que se realizou no dia seguinte para o cemitério de Fiães, foi largamente concorrido por muitas pessoas de todas as categorias sociais daquela localidade, desta Vila e outras localidades do nosso concelho e de Monção e vinte sacerdotes.

«A Voz de Melgaço», sensibilizada apresenta a toda a família em luto, o seu cartão das mais sentidas condolências.

P. S. — Com a morte do Sr. António Rodrigues desaparece o tronco de uma família, cujos filhos têm sido modelos de carácter, de trabalho e de dignidade onde quer que se encontrem.

No lugar da Adevilha, a sua casa era templo de caridade e candeia acesa para quem batia à porta.

Não nos admirámos, pois, de que o seu funeral fosse a consagração de uma vida dedicada aos seus, à sua casinha, donde nunca permitiu que o trássem senão para o cemitério, e dos seus amigos.

Nem a distância nem o trio contiveram a multidão que desde Baião até ao lugar mais sertanejo de Fiães se reuniu para prestar a derradeira homenagem ao morto.

Se os pais se revêem nos filhos, bem pode o sr. António Rodrigues, lá do Céu rever-se nos que aqui na terra perpétuam o seu nome, o seu amor ao trabalho, a sua modéstia. Eles são a sua coroa de glória.

J. V.

De Parada do Monte

Dezembro, 10

Baptizado — No dia 1 foi baptizado o menino Armando Filipe Esteves, filho do sr. Américo Esteves, e da sr.ª Piedade Esteves, do lugar de Cortegada. Foram padrinhos, o sr. Armando Vaz Domingues e sua esposa sr.ª Rosa Vieites de Carvalho, Ao neófito desejamos uma vida feliz.

Falecimento — Faleceu no dia 28 p. p. com a idade de 39 anos a sr.ª Puzera Rodrigues, do lugar do Casal. A sr.ª Puzera que morreu após doloroso sofrimento, levou um enterro muito concorrido. A família enlutada enviamos os nossos sentidos pesames, e paz à sua alma.

Casamento — Consorciaram-se no dia 7 Jesué Esteves e a menina Rosa Alves, do lugar do Casal, e ele do lugar da Trigueira. Após o enlace foi servido em casa do noivo um lauto almoço aos seus inúmeros convidados. Aos noivos que são dotados de excelentes dotes desejamos uma perene lua de mel.

Viajantes — De Angola regressou o nosso amigo António José da Cunha que naquela Província Ultramarina esteve dois anos em serviço de soberania, como Furriel Miliciano.

Regresso — Da África do Sul regressou o sr. António Pires.

— De França tem regressado muitos homens e rapazes que agora na ocasião do Natal vem passar a quadra junto das suas famílias.

O tempo e a Agricultura — Tem chovido ultimamente bastante o que muito vem beneficiar a agricultura.